

QUINCAS BORBA E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES HUMANAS

Deise Fernanda Marques Garcia (G-FUNEC)
Prof^a. Dra. Maria Célia Guilhen Mazote (Orientadora)

Resumo: O presente artigo, de estudos em literatura comparada, objetiva-se a encontrar traços análogos ou díspares existentes nas obras *Quincas Borba* (1891) e *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995). Propõe-se também a refletir as formas como ocorrem a manipulação do homem pelo homem. As suas narrativas possuem características semelhantes, pois perturbam e atingem o interior do leitor mais atento, isso porque suas personagens se assemelham ao homem moderno, que se vê refém da própria contingência humana.

Palavras-chave: Literatura Comparada. relações humanas. Machado de Assis. José Saramago.

Abstract: The present paper, of comparative literature studies, has as objective to find analogous or different traces in the workmanships *Quincas Borba* (1891) and *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995). It also proposes to reflect about the ways as the manipulation of the man by the man occurs. Their narratives have similar marks, because disturb and reach the interior of a careful reader, this is because their characters look like the modern man, who sees himself as a hostage of the own human contingency.

Key Words: Comparative literature. human relations. Machado Assis. José Saramago.

1. Introdução

A comemoração do centenário de morte de Machado de Assis, neste ano de 2008, desperta ainda mais a necessidade e a importância de estudar a sua obra, que comprovadamente tem chamado a atenção da crítica e merecendo cada vez mais publicações a seu respeito. Acredita-se, sem sombra de dúvida, que esse fato deve-se à atualidade da produção literária do autor. Quanto a Saramago, este é um autor português e contemporâneo, mundialmente conhecido e respeitado pela crítica literária, dentro e fora de Portugal. É reconhecido, principalmente, como autor romancista embora tenha percorrido um largo caminho de cronista, dramaturgo, jornalista, contista e tradutor.

Tendo como fundamentação teórica os estudos de literatura comparada o presente trabalho objetiva-se a encontrar traços análogos ou díspares existentes nas obras *Quincas Borba* (1891) e *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995). Propõe-se também a refletir as formas como ocorrem a manipulação do homem pelo homem e, assim, destacar pontos em que há aproximação e distanciamento entre elas.

2. Quincas Borba e Ensaio sobre a Cegueira: mecanismos da manipulação do homem pelo homem.

Em ambas as obras, o homem é retratado com suas deficiências, temores, astúcias, espertezas e fragilidades. O que ocorre é que há dois grupos distintos, o primeiro refere-se aos que sabem lidar melhor com as situações transformando-as em recurso para o benefício

próprio; o segundo aos que se vêem à mercê do primeiro, por razão de seu desprovimento de malícia e sagacidade.

Machado sugere ao leitor de forma comunicativa e inteligente de que o Ser se opõe ao Parecer. Em “*Quincas Borba*”¹ as personagens parecem ser de uma forma, mas na verdade são de outra, isso só enxerga quem pode, Rubião está longe de ver tais coisas. Eis aí um comparativo que não se deve deixar de fazer.

O interessante em “*Ensaio Sobre a Cegueira*”² é que torna-se necessário que o homem fique cego para enxergar as verdades existentes nas relações humanas, e Rubião, personagem principal em “*QB*”, fica louco porque as verdades não são vistas.

O que ocorre é que nem sempre as coisas são tão claras, e a manipulação se manifesta em meio ao silêncio verbal, mas gritante em atitudes e gestos, como acontece com Rubião, em “*QB*”. A transformação de Rubião em objeto do casal Palha para obter os benefícios materiais que estes almejam, se dá por atitudes e palavras sutis de “amizade”.

Entretanto, não é o mesmo que ocorre em “*ESC*”, pois as pessoas cegas e contagiadas mal são levadas ao alojamento preparado pelas autoridades locais, e o clima de tensão e medo já começa a dominar a cada uma das vítimas.

[...] Comportam-se como se temessem dar-se a conhecer um ao outro. Via-os crispados, tensos, de pescoço estendido como se farejassem algo, mas, curiosamente, as expressões eram semelhantes, um misto de ameaça e de medo, porém o medo de um não era o mesmo que o medo do outro, como também não o eram as ameaças. Que haverá entre eles, pensou. (SARAMAGO, 1995, p. 49)

Pelo ambiente narrado, é possível sentir que ali está o grupo dos mais fracos e impotentes. Desde já, fica estabelecido em “*ESC*” um grupo para os fortes (a sociedade, os que vêem) e o um grupo para fracos (os cegos e contagiados).

Em “*QB*” o tema está centralizado na coisificação do ser humano. Nela o homem assume um caráter de objeto do homem. A esse respeito é possível analisar que: “O capitalista Cristiano Palha usa a esposa Sofia para usurpar a fortuna de Rubião, que, no entanto, enlouquece de amor. A ruína de Rubião (econômica, moral e física) confirma a idéia de que *ser fraco é ser culpado*”. (TEIXEIRA, 1987, p. 110).

Machado de Assis e José Saramago fazem nestas obras uma paródia da teoria evolucionista e explora o tema da coisificação. É possível quanto a isso afirmar que na sociedade a luta é tão voraz quanto na natureza. Para tanto, no texto machadiano, em seu desenrolar, é descrito o percurso do ex-professor primário Rubião, que depois enfermeiro, fica com sua herança e, por isso, acredita ser o próprio “vencedor” da teoria humanitista, com fundamento darwiniano, e demonstra a luta das espécies por sobrevivência que é categórica, pois *ser fraco é ser culpado*, como já fora dito. Sua frase síntese, ao *vencedor as batatas*, embora seja repetida sempre, só foi entendida depois de derrotado.

Nesse sentido, em “*ESC*”, embora haja o relato do roubo sofrido pelo primeiro cego após sua súbita cegueira e manifestando logo de início que sempre há quem pretenda explorar e tirar proveito do que está fragilizado e impotente, é no espaço do alojamento que ocorre as primeiras e acentuadas cenas de descaso com o ser humano e ainda, a luta pela sobrevivência se inicia com teor animalesco e servil. Retomando aqui a idéia de Ivan Teixeira, “*Ser fraco é ser culpado*” pelo fato de ter sido os primeiros cegos e os contagiados inseridos no manicômio como solução imediata para resolver o problema, fica manifesto a vulnerabilidade do homem, que é descartado da sociedade, pois não oferece mais nada de que se possa aproveitar, pelo contrário, pode ser perigoso.

¹ Machado de Assis, *Quincas Borba*, 5. ed. A partir daqui, essa edição passa a ser referida como “*QB*”.

² José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*, A partir daqui, essa edição passa a ser referida como “*ESC*”.

Nesse alojamento, Saramago promove uma verdadeira revolução nas relações humanas, que vão ser pautadas pelos instintos: desde os violentos e agressivos até os ternos e solidários. O toque substitui o olhar, o tato substitui a visão. As necessidades afetivas, os desejos carniais, as disputas pela comida, a formação de novas amizades, tudo é reestruturado e as pessoas são obrigadas a “reaprender” a viver. (CALBUCCI, 1999, p. 87)

Nessa luta baseada pelos instintos de sobrevivência uns cegos malvados munidos de cassetetes e pistolas tiveram por longo tempo o domínio da situação, os quais eram os mais fortes e agressivos, simulacro da realidade selvagem. A princípio para fornecer o alimento aos mais fracos, os cegos malvados tiravam de suas vítimas: jóias, dinheiro e outras coisas de valor. Com o tempo, o dinheiro se esgota e o valor para que os fracos possam comer passa a ser outro, as mulheres. Têm-se aqui as cenas mais selvagens da luta pela sobrevivência e a realidade perfeita do homem como objeto do homem na narrativa de “*ESC*”. As mulheres se submetem à barbárie e a desumanização.

[...] Arrastou-as para o fundo da camarata, onde se amontoavam as caixas de comida, os pacotes, as latas, uma despensa que poderia abastecer um regimento. As mulheres, todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas, estas gajas são todas iguais, sempre têm de pôr-se aos berros, Dá-lhe com força, que se calará, Deixem-nas chegar à minha vez e já vão ver como pedem mais [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 176).

Neste trecho, é possível identificar o medo e o pavor sentido pelas mulheres transformadas em objetos pelos cegos malvados. Para tentar sobreviver a isso, os cegos bons procuram em outra ocasião atacar os cegos malvados. Contudo, o combate fracassa e, mais tarde, uma moça consegue com um isqueiro por fogo no manicômio e ver-se livre desta situação. Nesse combate, o que o grupo consegue é a vitória por ter vencido uma espécie rival.

E nesse enfoque às relações humanas, Saramago levanta as seguintes questões: “A preocupação que eu tenho é esta: Em que mundo estou vivendo? Que mundo é este? O que são as relações humanas? O que é essa história de sermos o que chamamos a humanidade? O que é isso de ser Humanidade?” (SARAMAGO, 1998)³

No que diz respeito a luta voraz das espécies na narrativa saramaguiana, identifica-se a filosofia instituída por Quincas Borba, cujo eixo principal em “*QB*” é o tema do Humanitismo, que, na verdade, é uma “ironia das relações humanas”. (TEIXEIRA, 1987, p. 110).

Pode-se esclarecer melhor tais afirmações no capítulo da obra em que é explicada a teoria criada pelo autor do romance para a personagem Quincas Borba, cuja filosofia é chamada de Humanitas⁴. Quincas Borba quando já está fraco e muito doente explica-a para Rubião, seu amigo e herdeiro, a definição e da fundamentação da teoria:

Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma

³ José Saramago em entrevista concedida ao poeta Horácio Costa – Revista CULT – Dezembro/1998

⁴ Humanitas precisa comer: a ironia do narrador com esta frase transmite ao *instinto* a força-motora da vida.

das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais feitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.⁵

De acordo com este fragmento da narrativa a definição para “Ao vencedor, as batatas” é que se trata de um aforismo em que toda a obra “*QB*” se baseia na própria vida de Rubião, a qual gira em torno desta pequena frase.

Tanto em “*QB*” quanto em “*ESC*” é possível localizar aspectos de conformismo com a situação:

O mal é explicável, logo passível de juízos atenuantes sempre que é tido por mal necessário, fórmula que já virou lugar comum no jargão do conformismo ilustrado. Que fazer, se as coisas são assim e se os homens precisam agir assim para sobreviver? O olhar lúcido pode ser também um olhar concessivo, desde que aceite o jogo onde têm maior força o destino e as circunstâncias. (BOSI, 2007, p. 18).

Para tanto, observa-se a atitude constantemente passível de Rubião, que atendo-se a possibilidade de adultério não enxerga a realidade usurpadora em que está inserido e, por outro lado, em “*ESC*” muitos cegos conformam-se com a situação sub-humana em que são inseridos, como por exemplo, homens e mulheres que se submetem aos desmandos e abusos impostos por um grupo de cegos de mau-caráter para que possam se alimentar.

A personagem Sofia de “*QB*” serve de elemento chave no processo de troca de valores do meio. Palha visa alcançar os bens de Rubião e este, por sua vez, obter o afeto de Sofia que, junto com outros bajuladores e oportunistas almejam a fortuna do ingênuo ex-professor primário. Nesta obra os valores são colocados em questão. Toma-se como exemplo a seguinte passagem: “enriquecido sem ser contaminado, Rubião continua portador das virtudes que se transformam exatamente em sua destruição⁶”. Em “*ESC*”, por exemplo, o ladrão do carro, os cegos malvados são os elementos chave do mesmo processo de distorção de valores em que é possível ver em “*QB*”. A inversão de conceitos e os valores deturpam a sociedade, pois os oportunistas ignoram a valorização do ser humano, em detrimento aquilo que tem, que pode ser avaliado nas palavras de Marx, “com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens⁷”.

Confrontando as narrativas saramaguiana e machadiana percebe-se o ato voluntário da rejeição, que se manifesta por meio de Sofia e os demais para com Rubião; da sociedade para com os cegos e os contagiados. Este é ato natural do homem no ponto de vista do Humanitismo. No entanto, o que vem mesmo a ser o Humanitismo? “O Humanitismo, a filosofia de Quincas Borba, afirma que o mundo é a projeção de Humanitas - substância da qual emanam e para o qual se convergem todas as coisas”. (TEIXEIRA, 1987, p. 116). Tomando como base o conceito de que todos somos iguais na essência, a inveja é algo presente em todos e as ações, muitas vezes, repugnantes de caráter oportunista, não passa de ações de humanitas contra humanitas em favor de humanitas. A intenção verificada na narrativa de Saramago ao discutir sobre as relações humanas neste ponto mais uma vez coincide com as já mostradas no contexto machadiano, ou seja, “a intenção parece ser mostrar sua incapacidade em agir em situações de emergência, incapacidade esta que reside num

⁵ Machado de Assis, *Quincas Borba*, 5. ed. p. 18-19.

⁶ José Carlos Garbuglio. “A composição e a decomposição”, prefácio de *Quincas Borba*, Ática. 1982. p. 8.

⁷ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1963. Disponível em: DUARTE, Lívia Lemos. **Barbárie e humanização, no Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago**. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa3/16-livia.doc>>. Acesso em 17 set. 2008.15h05min.

egoísmo (que se recrudescer nos momentos de pânico e desespero) quase natural dos seres humanos”. (CALBUCCI, 1999, p. 87)

A obra romanesca de Saramago possui uma característica marcante em sua linguagem, a falta de pontuação. Há uma junção de frases, ora enunciadas por uma personagem, ora por outra personagem e ora pelo narrador. Existem somente vírgulas e pontos finais, aboliu-se então em suas narrativas a exclamação, a interrogação e demais pontuações. A separação dos seus “enunciadores” é marcada pelo uso da maiúscula inicial que vem depois da vírgula. O que Manuel de Gusmão atribui de “frase plurivocal”

Estamos perante uma frase plurivocal: é como se fossem vários a dizer uma frase, e essa frase, que é um acontecimento de diálogo, pode então comportar o confronto de pontos de vista. Este modo de frasear produz efeitos rítmicos e prosódicos, percebidos por uma espécie de ouvido mental, e coopera com uma construção de uma imagem ou de um efeito de narrador oral, participante ativo daquilo que conta. (GUSMÃO, 1998, p.23).

Machado observa o ser humano na sua prática social diária, e este é seu objeto de estudo. O autor molda o tipo físico e psicológico com precisão tamanha que chega a dar vida à personagem, uma vez que o leitor interage com ele por meio de análises de situação semelhantes ao aspecto psicológico personagem/leitor, ou seja, o leitor reflete sobre o que fora lido e esta reflexão dá vida à personagem. Como a busca da realidade é fato consumado nas obras machadianas, percebe-se que sua originalidade está por focar a realidade da alma humana e não apenas usos e costumes. A alma é desvendada e dissecada com vista a despertar o senso crítico e analítico do leitor atento. Amora (1977, p.125) afirma, “Machado de Assis, em sínteses muito claras e aparentemente muito simples, põe diante de nós, mais vivo, mais profundo, mais verdadeiro, um tipo bem característico da paisagem humana brasileira (...)”.

É possível notar que com a linguagem inovadora de Saramago e com a forma excepcional e exploradora da alma humana de Machado, o leitor desfruta de momentos incomparáveis de reflexiva leitura. Verifica-se que o maior interesse destes grandes nomes da Literatura, está nas razões sociais e as razões particulares que levam as pessoas a agirem da forma que agem e se interessa menos pela ação efetuada.

Adentrando o universo da ironia saramaguiana, recorre-se aqui à definição e contribuição de Calbucci sobre o tema o qual afirma, citando Bakhtin que há dentro do gênero romanesco três raízes que são consideradas básicas: “a épica, a retórica e a carnavalesca”. Enfocando esta última Calbucci atribui-lhe o termo “cosmovisão carnavalesca” o qual a define como a valorização da realidade viva, da fantasia livre e dos múltiplos estilos, e ainda, de vozes contidas na narrativa. Vale dizer que dessa forma ocorre naturalmente uma renúncia a rigorosidade da estilística definidos por estudos e análises Bakhtinianos. “Todas essas características parece caírem como uma luva no estilo de Saramago [...] exemplos múltiplos de uma literatura que é o próprio carnaval”. (CALBUCCI, 1999, p.104).

Saramago assume sua postura irônica, mas ressalta: “Sou irônico quando escrevo”⁸, deixando bem claro que utilizar a ironia com outra pessoa é agressão. Quanto a Machado, este atrai a atenção do leitor para a face negativa do homem e da vida ignorando a bondade existente na humanidade. Mas isso se dá pela ótica do pessimismo. A partir dessa visão pessimista o homem é um ser totalmente perdido e corrompido que não é capaz de vencer as forças que comandam o seu destino. O autor vê os relacionamentos humanos de forma impassível e até impiedosamente, vê e relata com toques sutis de ironia e ou de cinismo. Suas personagens não devem ser classificadas como boas ou más, mas devem ser vistas de forma

⁸ José Saramago em entrevista concedida a Francisco José Viegas. Disponível em: Francisco José.(Coord.). **José Saramago, uma voz contra o silêncio**. Lisboa: Caminho: ICEP: IPLB, 1998.

relativa, dependendo do ponto de vista que assume diante das coisas. O humor presente nas narrativas de Machado serve, na verdade, como válvula de escape para a angústia e o tédio.

3. Considerações Finais

Conclui-se então que, nos dois romances, as relações humanas se firmam em uma situação manipuladora da “transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual.”, de que fala Antônio Cândido (1995, p. 34). Toda essa visão pessimista é resultante de uma ideologia de que o homem em algum ponto de sua caminhada será traído, ofendido ou magoado em suas relações interpessoais.

Machado e Saramago contribuem para o despertar de um leitor atento que possa olhar e ver tais questões. As suas narrativas possuem características semelhantes partindo do ponto de vista que perturbam e atingem esse leitor, uma vez que suas personagens se assemelham ao homem moderno, que se vê refém da própria contingência humana. Observa-se, nesse estudo comparativo, que o olhar dissecador dos autores se manifesta nas obras para analisar minuciosamente o comportamento humano, revelando seus pontos fortes e fracos, porém com a intenção de que essa capacidade de ver, passa a ser privilégio de poucos e que, atentos a tudo, captam o misterioso segredo do que existe às claras. Em suma, o ato de olhar, melhor ainda, de ver depende de faculdades especiais para se entender o que há de verdade nas situações relacionais.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. **História da Literatura brasileira**. Ed.rev. São Paulo: Saraiva, 1977.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1982.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis. O enigma do olhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALBUCCI, Eduardo. **Saramago um roteiro para os romances**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GARBUGLIO, José Carlos. **A composição e a decomposição**. In: ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1982.

GUSMÃO, Manuel. Linguagem e História segundo José Saramago. In: VIEGAS, Francisco José.(Coord.). **José Saramago, uma voz contra o silêncio**. Lisboa: Caminho: ICEP: IPLB, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **José Saramago: o despertar as palavra: Entrevista**. [Dezembro de 1998]. São Paulo: CULT. Entrevista concedida a Horácio Costa.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DUARTE, Livia Lemos. **Barbárie e humanização, no Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago.** Disponível em:< <http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa3/16-livia.doc>>. Acesso em 17 set. 2008.15h05min.